

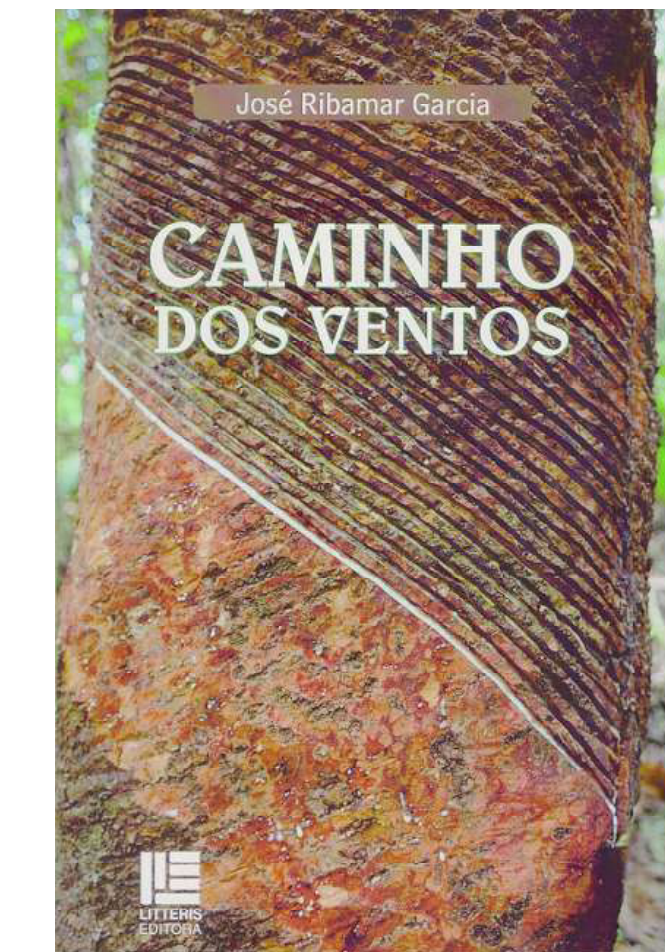


“CAMINHO DOS VENTOS” - UM BELO ROMANCE -

Francisco Miguel de Moura

A cabo de ler “*Caminho dos Ventos*”, o mais novo romance de José Ribamar Garcia, que sai agora, pela Litteris Editora, Rio de Janeiro - RJ, 2022, do qual gostei muito e fiz muitas anotações que, infelizmente, não cabem neste pequeno artigo. Ribamar Garcia é piauiense de nascimento, mas muito cedo mudou-se para o Rio de Janeiro, onde formou-se em Direito, e hoje está entre os melhores advogados do Brasil. Como escritor, iniciou escrevendo saborosas crônicas onde demonstra sua infância e personalidade de sua vivência. Mas, nos livros seguintes, contos ou romances, se universaliza, assim é neste “*Caminho dos Ventos*” como em “*Filhos da Mãe Gentil*”. Digo isto pela observação, em leituras seguidas, que ele foi adquirindo um jeito muito pessoal, moderno, atualizado, de escrever mais ou menos à maneira que certamente adquiriu na vivência carioca. Nas suas crônicas já se note isto. No romance, também, faz um estilo sucinto de dizer muito com clareza e em frases bem apuradas. Eu, que venho acompanhando a vida e a obra deste notável escritor misto de piauiense e carioca, li de cabo a rabo, todo seu novo romance, e me vejo numa situação mais equilibrada de contestar os críticos que dizem que o romance está morrendo.

Não, o romance não está morrendo, prova é este que agora apresento, do escritor José Ribamar Garcia. “*Caminho dos Ventos*” é um romance perfeitamente legível por qualquer letrada e nele encontrará, pela clareza e concisão do texto, vida e paixão, dois sentimentos necessários a qualquer obra romanesca. “*Caminho dos Ventos*” tem como pano de fundo a Amazônia brasileira do tempo de ouro da borracha, com personagens vibrantes como Alberto Nasser e sua família, amigos como Luca Barros e filhos como o Jurandir e o Sebastião, assim como



a mãe de seus filhos, a índia Jaciara, entre muitos outros viventes quais como benzedadeiras e padres, mais políticos sem-vergonha como o Bernardo Sobral e outros. Sim, daqueles políticos que enriqueceram desonestamente, sendo causa da queda da riqueza da Amazônia, pois venderam a semente da seringueira por pouco mais ou nada, para o exterior, e empobreceram aos poucos uma região tão rica, trocando por outras plantas para produzir frutos inferiores, venderam o ouro ao exterior, porque não tiveram pulso para desenvolver como deviam o Brasil para os brasileiros. Políticos que proliferam lá ainda na região amazônica tanto quanto cá no Nordeste, daqueles

que só pensam em enriquecer-se a si mesmo, suas famílias e seus apadrinhados, pouco importando o povo em nome de quem tanto falam.

Mas esta é a parte menor do romance, falando-se artisticamente, pois que na verdade, o romance que tem como pano de fundo a exploração da borracha na Amazônia, logo toma fôlego com o seu personagem principal Alberto Nasser e o seu valoroso trabalho de homem sério, vencendo as enormes adversidades do meio, e se torna um excelente pai de família e homem de ilibada conduta. Da mesma forma são a maioria dos personagens de “*Caminho dos Ventos*”, que vivem entre as cida-

des Marabá, Ouromonte (nome inventado pelo autor) e Letícia, com seu crescimento e seu declínio pelas causas já apontadas.

Os mais abalizados críticos literários dizem que há dois tipos de romances, os que procuram mostrar a realidade com predominância do panorama exterior, ou seja, a paisagem, a terra e a sociedade, e o romance de “personas” (os chamados romances psicológicos). Ribamar Garcia abarca as duas facetas: a linha de fundo da Amazônia e os fortes personagens já apontados, em meio a tantos outros que não se contam para a história romanesca, aqueles que são apenas figurantes, nome que se aplica aos de filmes que não têm papel preponderante na história. Deste ponto de vista, podemos considerar “*Caminho dos Ventos*”, como um romance completo.

No final, há uma parte romântica, ou seja, o reencontro de Jurandir, num momento decisivo de sua vida, com sua Marinete. Por isto e pela rica variedade da história, eu proponho que, se fosse visto pelas empresas de cinema e televisão, “*Caminho dos Ventos*” poderia ser veiculado por novelas e filmes. Mas isto é outra história, pois nossos meios de comunicação não têm apetite pelas coisas que edificam e enobrecem, mas dão asas às novelas de invenção triviais e perigosas para o bom caminho da educação social.

José Ribamar Garcia, espero que seu romance tenha a felicidade de encontrar ainda algum leitor de boa índole e apaixonado por boa leitura, visto que este mundo exagerado da internet, através dos chamados meios de comunicação social, as pessoas são encharcadas diariamente pela mídia perversa, onde mais do que quatro linhas ou cinco palavras são exageros para a leitura ou para o ouvido comum.

Francisco Miguel de Moura é escritor, poeta, romancista e crítico literário brasileiro.
franciscomigueldemoura@gmail.com



LV no Festival Mário de Andrade



Jane Costa, Rosani Abou Adal, Pitanga - Glafira Menezes Corti, Thais Matarazzo, Alexandre Jazara e Iracema Ferreira.

Linguagem Viva esteve presente no II Festival Literário Mário de Andrade realizado em outubro, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, no estande da Editora Matarazzo. O evento teve como tema "Literatura e Artes na Pauliceia 2022" e como foco a literatura brasileira e sua diversidade atual.

A Editora Matarazzo Artes e Livros promoveu em seu estande inúmeras atividades como bate-papos, saraus, autógrafos, oficinas, contação de histórias e apresentações de fantoches. Também abrigou exemplares do LV para distribuir aos visitantes do estande.

Rosani Abou Adal autografou e vendeu seus livros *Mensagens do Momento*, *Catedral do Silêncio* e *Manchetes em Versos*. No domingo, dia 23 de outubro, falou sobre os 33 anos do jornal literário *Linguagem Viva*. Participou do Sarau da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul que é presidida por Ana Maria Rocha Guimarães.

Exemplares do jornal *Linguagem Viva* foram entregues nos estandes das mais de 50 editoras, livrarias e coletivos e para o público que visitou a feira.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 150,00
Semestral: R\$ 75,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil.

Banco Bradesco - agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: (11) 97358-6255 ou rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-760.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

A CONVIVÊNCIA DAS LÍNGUAS

Enéas Athanázio

No magnífico livro "Línguas e Dialeto Românicos e Germânicos" (Editora Kelps – Goiânia – 2010), o Prof. Adovaldo Fernandes Sampaio faz a abordagem de um tema que me é muito caro, ainda que não fosse o assunto central de sua obra. Trata ele nesse tópico da convivência entre as línguas tupi e portuguesa no território nacional durante o regime colonial e a expansão da população, tanto na região norte como no sul. Segundo ele, a grande quantidade de pessoas que falavam o tupi ou tupinambá aumentava de tal forma que o governo chegou a baixar decretos (cartas régias), proibindo o uso do idioma nativo dos indígenas. Claro que terá sido uma medida inócua, uma vez que a língua é um fenômeno social e o uso do tupi só foi diminuindo à medida que os falantes do português foram ocupando o território e levando a sua fala. Por outro lado, o fato revela que a prática de proibir o uso de idiomas não é de hoje, tanto que voltou a acontecer durante a II Guerra Mundial em relação ao alemão. No entanto, nem o tupi e nem o alemão desapareceram.

Segundo o linguista, o tupi foi o idioma usado de maneira predominante nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII. A consequência desse prolongado contato foi a incorporação de considerável número de palavras tupis para designar aves, peixes, locais e nomes próprios de pessoas. "É notável a quantidade de lugares – diz ele – com nomes de origem tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios tupinambás." Isso me faz lembrar de certo índio, personagem de um conto, que não se conformava com o frequente "roubo" das palavras indígenas pelos brancos. Dizia ele que estes não tinham imaginação para criar os próprios nomes e por isso se apropriavam dos indígenas.

Lembra o ensaísta que a primeira gramática da língua tupi (nheengatu) se deve ao padre jesuíta José de Anchieta (1534/1597). Era a mais falada na costa do Brasil.

Segundo ele, baseado em intensa pesquisa, o português muito se enriqueceu com um grande número de vocábulos de origem tupi. Alguns exemplos: arapuça, babaquara, beiju, caboclo, caipira, carapina, cuia, embira, jacá, jirau, jururu, maracá, mingau, pamonha, peroba, peteca, pipoca, quicé, tapioca, tocaia. Há muitas criações novas, como os verbos capinar, cutucar, empipocar, espocar, pitar, sapecar. São numerosos os nomes de animais, plantas, topônimos e alguns nomes próprios, entre os quais Jandira, como se chama minha cara-metade.

Aspecto curioso é que vocábulos de origem tupi estão presentes em muitas expressões populares do português brasileiro, como informa o autor, citando os seguintes casos: meter a mão em cumбуca, deixar de nhenhém, ficar jururu, puxar pelo guatambu, dar abraço de tamanduá, estourar a sapucaia, ficar de butuca, não dar importância a porandubas, remexer coivara, deixar a pereba criar casca. Como se vê, algumas mais conhecidas por aqui e outras em diferentes lugares.

Conclui-se que, muitas vezes, imaginando se expressar em refinada linguagem europeia, estamos usando a fala indígena dos brasileiros autóctones, um dos três formadores de nossa etnia.

Talvez fosse coerente a campanha do Major Policarpo Quaresma, célebre personagem do genial escritor carioca Lima Barreto, pela adoção do tupi como língua nacional em lugar do português importado da Europa. Com esse objetivo enviou petições aos órgãos do governo e batalhou pelos meios ao seu alcance. Foi hostilizado e ridicularizado, não obteve sucesso e, por ironia do destino, acabou fuzilado, ainda que por outros motivos. Mas o tupi continua vivo nas páginas dos linguistas como o Prof. Adovaldo, é usado no dia a dia pelos índios remanescentes e por todos nós quando utilizamos palavras e expressões "furtadas" dos nossos irmãos indígenas.

Enéas Athanázio é escritor, crítico literário, Procurador de Justiça aposentado e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.



Em busca de outro tempo perdido

Ronaldo Cagiano

Após incursionar pelo romance (“*Meia-vida*”, 1999; *Vozes da ribanceira*, 2003), Oton Lustosa retoma a experiência fabulatória do conto iniciada em “*O pescador de personagens*” (2000) em sua nova e instigante safra de histórias no recém-lançado “*Em buscas de uma rede na varanda*” (Biel Editorial, Teresina, 2022). Dando sequência ao mapeamento de tipos e acontecimentos recolhidos num Brasil profundo e regiões perdidas na memória, esses personagens refletem não somente as idiossincrasias e tensões peculiares a um determinado microcosmo regional, mas são ressonâncias de situações encontradas em qualquer lugar do mundo, pois os dilemas, contradições, percalços, dores e delícias do homem – imbricado em seu tempo e em suas geografias – refletem o caráter universal dessa prosa acutilante.

Oton Lustosa vem confirmar a sua familiaridade com uma escrita tradicionalmente vinculada às mitologias e ao inconsciente individual e coletivo que constituem a cartografia de vidas e experiências existenciais que caracterizam o ser em suas diversas instâncias territoriais, afetivas, sociais, políticas e psicológicas. É no caldo de cultura desse imaginário que o autor vai deslindando conflitos e realiza, com o amálgama de uma linguagem cuidadosamente elaborada, uma radiografia dos dramas e flagra o cotidiano de vidas ora assoberbadas pelos seus fantasmas e obsessões, ora apequenadas pelos desencantos & desencontros.

Em seus relatos, de cujas escavações emergem sensações iminentes numa rotina temporal e espacial, o autor recupera todo um espaço onírico no entrelaço entre invenção e memória, pois a ficção, por si só, não é gênero de puro sangue, eis que nos recursos criativos há o acúmulo da própria vivência autoral, que acaba por recorrer ao que viu, ouviu e sentiu, daí extraindo matéria e circunstância para a genética de seus personagens e a recriação da vida. Nesse sentido, os protagonistas dos doze contos desse volume incorporam aquela ideia defendida por Cyro dos Anjos,

para quem “a literatura se nutre do real” e esse real transfigurado em habilidosa arquitetura formal e hegemonia temática encontra-se metamorfoseado nas histórias do livro. Ganha o leitor nesse encontro com universos muitas vezes oníricos e surreais, em que o corriqueiro se funde com o insólito em que a narrativa se reveste de sutil plasticidade e nesse particular vale lembrar o que disse o cineasta Jean Luc Godard - “é entre o real e o sonho que tudo acontece.” – e Lustosa trabalha com inegável destreza, ornamento imagético e inventividade esses campos semânticos, ambientando sua ficção na apreensão de cenários urbanos e interiores, com um olhar cirúrgico, realizando, com seu atávico e drummondiano sentimento do mundo, um verdadeiro recorte hermenêutico do “tempo presente, dos homens presentes, da vida presente”.

Num discurso que entreteia primeira e terceira pessoas, ou quando emerge o fluxo de consciência, o autor enxerta na dicção (e na subjetividade) de seus personagens um diálogo com a própria literatura e outras linguagens, seja na enunciação de obras e autores, seja evocando intertextualidades, como no conto “Shirley”, em que dicotomizam-se mundos e percepções; ou em “Literato de escol” e “Umás verdades”, aí presente uma mirada melancólica sobre valores e condicionamentos sociais e o conto que dá título ao livro sugere a melancólica nostalgia de um protagonista que sucumbe às transformações do seu tempo e de seu lugar e redireciona suas emoções para um encontro de contas entre presente e passado.

“*Em buscas de uma rede na varanda*” consolida a trajetória de um escritor que labora numa arte literária que simboliza em toda a sua dimensão crítica o que é realmente humano e profundo na natureza do ser e das coisas, harmonizando-se com o que disse Machado de Assis em *Dom Casmurro*: “Ora, só há um modo de escrever a própria essência, é contá-la toda, o bem e o mal”.

Ronaldo Cagiano é escritor, crítico literário e membro da Associação Nacional de Escritores. Reside em Portugal. ronaldo.cagiano@hotmail.com



Telhado

Flora Figueiredo

É preciso pôr um para-raios no telhado das minhas emoções, para que seja poupado meu arquivo de delicadezas. Envelopadas, elas deslizam sob as portas, descansam sobre as mesas, acompanham os buquês de primavera. Quem dera, eu pudesse colocá-las nas antessalas da tristeza para impedir a lágrima de entrar. Por ser incapaz de tal proeza, inauguro o dia a procurar um para-raios que possa ser chamado de poesia.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*. Exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

VIDA MONÁSTICA

Raymundo Farias de Oliveira

A longevidade nos leva para o mundo da vida monástica: silêncio, preces matinais e noturnas, leituras, releituras, telefonemas e visitas carinhosas de entes queridos, música, lembranças muitas lembranças... A diáspora de amigos e amigas e parentes que foram para o outro lado do tempo. Às vezes, um telefonema por engano ou tentando “vender” alguma coisa! A vida monástica tem suas bondades e seus doces mistérios. Ela nos permite viver longe das maledicências, do ódio e do fogo flamejante das paixões políticas!... Ela nos permite também contemplar, da sacada cheia de orquídeas em flor colorindo nossa emoção matinal, a paz e o límpido céu azul desta manhã!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, cronista e procurador do Estado aposentado. Autor de *Sob o Céu de Jerusalém*.

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional.

Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



AMAZÔNIA: FLORESTA BANHADA EM SANGUE E COBIÇA

Cecilia Costa

Em 2001, quando eu era editora do caderno Prosa & Verso de "O Globo" no Rio de Janeiro, a poeta Olga Savary foi à redação acompanhada do escritor paraense Nicodemos Sena, pedindo-me autorização para escrever uma resenha sobre o romance dele "A espera do nunca mais", premiado em 1999 pela União Brasileira de Escritores do Rio (UBE-RJ). Claro que dei. Um pedido de Olga Savary era irrecusável. Publiquei a resenha, num bom espaço e com uma foto de Nicodemos, mas, na ocasião, como estava sempre extremamente ocupada, não li o livro.

Este ano, em janeiro, estive com ele em São Paulo, numa reunião de intelectuais, e Nicodemos ficou muito contente ao me rever, lembrando a história toda. Falamos de Olga, é claro, ela ainda estava viva. Entregou-me outros livros de sua autoria, mas o grande romance, com o qual iniciara sua bem-sucedida carreira literária, só teria para me dar em maio ou junho, quando a Kotter Editorial publicaria uma reedição.

Quando o tomo chegou, levei um susto: a saga amazônica de Nicodemos tinha 1000 páginas. E naquele momento eu tinha acabado de ler "Dom Quixote" de Cervantes, outras 1000 páginas. No entanto, compromisso é compromisso. Eu teria que desbravar aquela floresta.

Qual não foi a minha surpresa ao descobrir que o livro do escritor do Pará, que vivera sua infância entre índios e caboclos, era um romance com todas as características de um ótimo folhetim do século XIX, fácil de ser lido. Com trama muito bem construída, que oscilava entre a selva e algumas cidades paraenses (Santa Irene e Belém), a narrativa de Nicodemos me envolveu de tal forma que em poucas semanas eu havia terminado a leitura. Não só por apresentar um atraente traçado tecido por bom tecelão, mas por ter um enredo atualíssimo, já que infelizmente os problemas enfrentados pela Floresta Amazônica não melhoraram, pelo contrário, pioraram.

Se o quadro pintado por Nicodemos, que tinha como pano de fundo a ditadura militar, a guerrilha do Araguaia e a tortura já era ruim, no governo de Bolsonaro ficou pior. Não chegamos ao ponto, até agora, de ter de conviver novamente com a prática da tortura, mas sabemos que o presidente admira um torturador, é contra os direitos humanos e a liberdade de imprensa. Sua derrota eleitoral, em 30 de outubro, trouxe alívio, mas, até a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, em 1º de janeiro de 2023, atravessaremos uma conjuntura opressiva, saindo de uma pandemia, que muitas vezes nos deixa desesperançados, sem ver uma luz no fim do túnel, sendo que, nos últimos quatro anos, um dos principais alvos das perversidades cometidas por esse governo são justamente a Amazônia e os indígenas.

Tapuios explorados por um cafajeste

A monumental obra "A espera do nunca mais" está dividida em três partes. Nelas, Nicodemos Sena criou dois painéis principais, nos quais movimentou grande número de personagens. Na selva, estão os tapuios em seus *tapiris* (palhoças), um impiedoso explorador e seus jagunços, um fugitivo político e um padre. Nas cidades, estão os personagens urbanos - estudantes, ativistas idealistas, comerciantes, empresários, políticos, militares e juizes. Aos poucos as ações vão se entrelaçando, com o autor descrevendo ao final um imenso confronto, que resulta em mortes, injustiça e desespero, já que os vilões urbanos, muito mais fortes e municiados de armas, ganham a batalha contra os tapuios. Sobra para o leitor a capacidade de sonhar, pois a vida é sonho, sobretudo na Amazônia, onde as lendas indígenas jamais serão esquecidas. Pássaros e animais selvagens vivem em harmonia com seres míticos ou fantasmagóricos, como a lara, o Curupira, o Boto, Tupã, Anhangá, Jaci (a Lua), Guaraci (o Sol), e Rudá, o Deus do Amor que vive nas nuvens.

No cenário da selva, um grupo de tapuios é explorado pelo comerciante Estefano, um diabólico baronete da cidade Santa Irene. Ambicioso, mau caráter, ele vicia os inocentes caboclos em cachaça e faz com que



lhe vendam farinha de mandioca e castanhas-do-Pará a preço vil, criando uma dívida crescente e impagável. Com isso, os tapuios, entre eles Sabá e Primitiva, o rapazinho Gedeão, a cunhantaim Diana, o curumim Mica, Dadá e seus dois maridos, Albino e Aldo, seus filhos

Dinho e Bino, têm que trabalhar cada vez mais, em regime similar ao da escravidão. Por outro lado, Estefano fazia das cunhãs e cunhantãs o que queria, obrigando-as a satisfazer os seus desejos sexuais. Mesmo não tendo coragem de se rebelar, já que eram vigiados por jagunços e quem se rebelasse ou tentasse fugir era morto, ao se encontrarem com um ex-ativista do Partido Comunista, Eduardo, uma parte do grupo se animará a fugir, deixando as margens do rio Maró e entrando pela floresta adentro. Perto do rio Nambu, descobrirão um povoado maior, cujo chefe, Saluma, era tio de Gedeão. Entre os habitantes, estava seu filho Clementino (Quelé), louco para suceder o pai, e um padre altruísta, chamado Alfredo.

Na cidade de Santa Irene, estavam Dora, filha de Estefano, uma belíssima ruiva de pele muito clara e olhos verdes, que parecia a

lara, e sua mãe Etelvina, sempre traída pelo marido. Em Belém, os personagens principais são Julião Aires, filho de Domiciano, rico fazendeiro dono de búfalos na Ilha de Marajó; o comerciante de secos e molhados, Alarico, e seus filhos Alariquinho, Adelaide Maria e Maria Clara, também de olhos verdes; o deputado corrupto Cândido Ambrósio; seu irmão, o delegado José Ambrósio; o coronel Ubiratan; o tenente Tojal; o bispo Romualdo; o governador do Pará, o prefeito de Belém e outros membros da elite, entre eles um empresário americano, Mr. Robin Kollie, interessado em fazer negócios com Estefano. Entre os jovens idealistas, filiados ao Partido, que frequentavam a universidade, ao lado de Dora e Julião, estavam João, Jairo, Judite e Marcos (nome verdadeiro de Eduardo, que ao fugir do Exército se perdeu na selva e fora encontrado pelos tapuios).

Para montar um só mural, Nicodemos Sena irá fechando sua narrativa, utilizando todas as peças de seu quebra-cabeça, ao entrecruzar os caminhos dos personagens urbanos e os da floresta. Julião irá para Belém, para estudar, e se hospedará na casa do pai de Maria Clara. Dora, que já conheceu Gedeão na selva, também irá para Belém, onde ficará na casa do tio Dimas e da tia Alzira, também com a finalidade de estudar. Como um bom romance, o livro contém cenas de amor, adultério e ciúmes, mas também combates, tortura e genocídio de tapuios. O Bem e o Mal em choque. Estefano e o americano queriam se apossar da terra ocupada pelos mestiços para nela construir uma usina hidrelétrica que movimentaria uma serraria. A fim de atingir este objetivo,

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



Nicodemos Sena

serão capazes de adotar as artimanhas as mais ardilosas e violentas possíveis, auxiliados por José Ambrósio e seus soldados.

Fico por aqui, para o livro não perder a graça. O melhor é descobri-lo aos poucos. Quem o ler, tomará aulas com Nicodemos sobre a civilização indígena, sua cultura, sua linguagem (o romance traz um glossário). Passará a conhecer a Ilha de Marajó, suas tempestades tenebrosas, que dão medo, a criação de búfalos, a força do búfalo rosilho, a exuberância da Amazônia, a beleza dos sentimentos humanos que habita o coração das pessoas generosas, a maldade ignorante e autoritária dos perversos, que consideram que todos os seus opositores são comunistas, ou seja, todos os homens e as mulheres que vivem em função de um ideal, lutando por um país – e um mundo - mais justo.

Em “A espera de nunca mais”, infelizmente, como já disse, temos um Brasil muito semelhante ao atual. Mas não dá para desistir. É preciso continuar a esperar, resistir. Novos Gedeões, Doras, padres Al-

fredos, Dianas e Eduardos haverão de surgir. E haverá quem conte suas histórias. Com sabedoria, paixão, engenho e arte. Assim como Nicodemos Sena nos contou a triste saga de sua Amazônia, banhada em sangue e cobiça. Uma linda floresta coberta por árvores ancestrais, onde vivem pássaros, animais e indígenas (ou seus descendentes caboclos), e que os poderosos, por interesse financeiro, querem destruir, acabando com seu lirismo, força telúrica e poesia Mas não conseguirão, pois como Nicodemos nos ensina, existe algo indestrutível: o espírito da floresta e de seus ancestrais humanos.

Recomendo também os demais livros do autor paraense, que se formou em Jornalismo e Direito em São Paulo: “**A noite é dos pássaros**”, “**A mulher, o homem e o cão**” e “**Choro por ti, Belterra!**”. Li todos eles com imenso prazer.

Cecilia Costa é jornalista e escritora, ex-editora do Caderno Prosa & Verso do jornal O Globo, Rio de Janeiro, RJ, autora, entre outros, de Damas de copas (romance).

O ALFARRABISTA E O PSICANALISTA

Maria de Lourdes Alba

Caiu-me às mãos esse livro e me deparei com o que considero literatura fantástica. Não aquela literatura que descola da realidade, ao contrário a fantasia fazendo parte da realidade.

O autor foi muito feliz ao ter como personagens um alfarrabista e um psicanalista, sendo que o primeiro restaura livros e obras antigas e o psicanalista restaura mentes e distúrbio dos pacientes, ambos trabalhando com elementos do passado, numa simbiose perfeita.

Alberico brilhantemente trabalha com personagens dentro do personagem e eles têm vida própria dentro deles mesmos e de forma consciente. O alfarrabista como Gutenberg e o psicanalista como Freud, ambos ficaram importantes na história da humanidade, o que pode revelar ou não, o desejo embutido dentro da alma de ambos.

O livro flui em um campo psicológico com simbolismo bem delineado e farto, com personalidade e desenvolvimento equilibrado.

Tudo no livro tem um sentido escondido e descoberto ao mesmo tempo. O perfil psicológico trabalhado nesta obra, caracteriza a incompreensão do homem e de sua mente. Muito interessante, que no decorrer da história há subterfúgios, fantasias que não se misturam com a realidade existente dentro da própria história.

Existe uma fronteira que é extrapolada, num repente, em episódio em que o alfarrabista retira de

um lixo um livro raro e tem aquela ânsia de restaurá-lo, tal qual faz o psicanalista em sua profissão que objetiva retirar o lixo da mente, do comportamento e da alma de seus pacientes na ânsia de curá-los.

O fantástico faz-se forte quando o alfarrabista extrai de dentro de tal livro a fantasia e traz ao mundo real bailando sobre seus olhos, causando deslumbramento e êxtase. É um sentido real do que a literatura e a Arte em geral trazem a lume ao leitor e a sua vida, voltando depois ao livro restaurado, onde é o seu lugar.

O psicanalista entende que pode fazer o mesmo com o livro que lhe pertence, mas a realidade foi dura com ambos e mostrou que a individualidade da mente humana é barreira intransponível. A frustração leva o psicanalista à morte.

O autor trata a Morte com a mesma vertente que trata a Vida, sendo também restaurada ao final da história no sentido de eternidade e imortalidade com que foi vestida e transvestida por toda a obra.

Livro bem escrito e pleno de reflexão em que o leitor tem a oportunidade de puxar e trazer a si percepções de coisas ocultas da mente e da alma humana.

Parabéns professor Alberico por mais esta obra.

Livro:

O alfarrabista e o psicanalista

Autor: Alberico Rodrigues

Editora: Mentis Raras

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.



Restaurante Vegetariano

Rua Dom José de Barros, 99 - Centro - São Paulo
Esquina com Barão de Itapetininga - República

www.apfel.com.br Tel.: (11) 3256-7909

Restaurante Vegetariano

100% fresco

de segunda a sexta das 11h30 às 15h.
aos domingos das 11h30 às 16h.

Viaduto 9 de Julho, 160 - São Paulo - SP
(11) 99568-2650



CDS e Álbuns

Faladores de Beleza, de Carlos Mahlunço, com a produção geral do maestro Vidal França (1946 - 2022).

Mahlunço é músico, escritor, poeta e compositor. Musicou o poema *Hino Sindical* de Rosani Abou

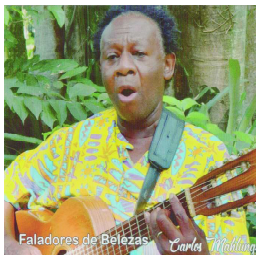
Adal que foi traduzido para o espanhol - *Himno sindical* - por Isabel Furini. A música gravada em estúdio para audição está disponível em www.poetasrosani.com.br/hino-sindical.

Participam do cd os músicos Ana C. Buchalla, Gilson, Bizera, Jean Mota, Chiquinho Rodrigues, Cida Costa, Betto Ponciano, Elen Carolina, Alana Elis, Dinho Nascimento e Vidal França.

O cd reúne 14 músicas, sendo 7 do Mahlunço e as demais em parceria.

Gravado no Cassio Studio.

Carlos Mahlunço: malunco@bol.com.br (11) 98547-9503.



HEXÁGONO é o trabalho sonoro colaborativo feito em 2021 e 2022 entre o arquiteto João Diniz e o músico Lô Borges.

Nas seis faixas do álbum os vocais, em diversos cantos sobrepostos e sem palavras, vão se somando às camadas de timbres e ritmos digitais resultando numa polifonia ao mesmo tempo intuitiva e racional, orgânica e construtiva, espontânea e planejada.

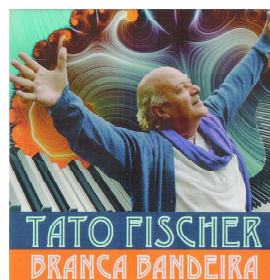
Lô Borges é um dos grandes nomes da música popular brasileira com vasta obra realizada, e em constante expansão, iniciada com o álbum *Clube da Esquina* de 1972 em parceria com Milton Nascimento.

João Diniz além de suas atividades em seu escritório de projetos exerce o que chama de arquitetura expandida ou transArquitetura, realizando trabalhos com artes gráficas e visuais, fotografia, literatura e música.

Hexágono está disponível nas plataformas digitais através do link <https://joaodiniz-loborges.hearnow.com>.

João Diniz: jodin@joaodiniz.com

Lô Borges: loborgescontato@gmail.com



Branca Bandeira, de Tato Fischer, com arranjos do Maestro César Assolant. Capa da Agência Trampo.

Fischer é cantor, ator, pianista, terapeuta para preparação de voz, professor e mágico paulista. Iniciou no teatro sua carreira

como ator e foi o primeiro pianista da banda Secos & Molhados.

O cd reúne 16 canções de sua autoria. Exceto *Tu e eu*, em parceria com Márcia Peres; e *Hoje*, letra e música de Iso Fischer. Contou com a participação de Victor Burscatto e Lucas Bruscatto (vocal) na canção *Star* e de Ana Carvalho e Bráú Mendonça (vocal) na música *Bandeira Branca*.

Tato Fischer: www.tatofischer.com.br

Yara Camillo

**Trabalhos de Tradução -
Revisão - Preparação de Texto
Tradução: do Espanhol
e do Inglês.**

yaracamillo@gmail.com

Telefone: (11) 99772-8958 -
Celular e Whatsapp

TODO O MEU AMOR DEI A MUNDINHA BRITO

77 anos das núpcias
(acróstico mesóstico)

José Peixoto Júnior

Tive a ventura de.....amar e de ser amado,
Orgulha-me dizer,..... Marcou-me a mocidade
Deixando relevante.....Um ponto no passado
Onde enfim se aninhou Nossa felicidade.

Melhor tempo marcou.. Desde que nos foi dado
Enlaçar o destino..... Imenso em nossa idade
Um ao outro de nós.....No amor acorrentado
A sorte a nos sorrir,.....Hino a nossa amizade.

Marchávamos com fé,...Alegres, pois a vida
Olhou-nos com o mais..Bonito e convergente
Raio de promessa.....Rumamos para a lida

Doando-nos a nós,.....Impando de fervor,
Enfrentando o normal...Temos tido presente
Indissolúvel laço.....Orvalhado de amor.

**José Peixoto Júnior é escritor, poeta,
advogado e ex-presidente da Associação
Nacional de Escritores.**

Sonhos de Flor

Débora Novaes de Castro

Sonhos que vêm,
sonhos que vão,
plenos, eternos,
mal fado os incertos,
que a vida premia
gentil galardãia.

Sonhos de amor,
sonhos de flor,
névoas pairando
nos ares, dormentes,
suspiros, perfumes,
cirandas de amor.

Sonhos de flor,
mimos de honor,
cores desmaiadas
em nichos de prata,
sonhando acordada
serestas de amor!

**Débora Novaes de Castro é escritora,
poeta, artista plástica e Mestre em
Comunicação e Semiótica - Interseções
na Literatura e nas Artes, Puc-SP.
www.deboranovaesdecastro.com.br**

100 anos
Paulo Dantas
13 de janeiro

1922 - 2022
Campos do Jordão
resgatando sua memória



Livros

No Mundo Encantado de Luciana, de Raquel Naveira, Literatura Infantojuvenil, ilustrações de Luciana Rondon, Editora Vida Produções, Campo Grande (MS), 32 páginas, R\$ 50,00. ISBN: 9786584706118.

Raquel Naveira é escritora, poeta, cronista, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

Luciana Rondon é escritora, artista visual, master coach, graduada em psicologia, especialista em desenvolvimento humano e autora de *Motivando Sempre*.

É um livro de arte e prosa poética.

Raquel Naveira, inspirada nas telas coloridas e encantadoras de Luciana Rondon, criou uma história cheia de referências ao modernismo, aos sonhos de uma menina que descobre o desenho como extensão de seu rico imaginário.

Editora Vida Produções: <https://www.maracalvis.com.br/loja/>

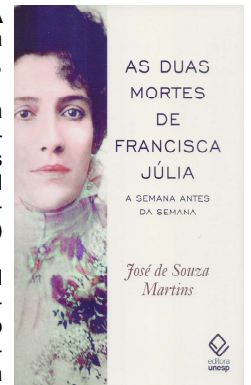


As duas mortes de Francisca Júlia - A Semana antes da Semana, de José de Souza Martins, Editora UNESP, 306 páginas, São Paulo, R\$ 58,00. ISBN: 9786557111444.

O autor é sociólogo, membro da Academia Paulista de Letras e Professor Titular aposentado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, da qual se tornou Professor Emérito em 2008. Foi professor visitante da Universidade da Flórida (EUA) e da Universidade de Lisboa.

A obra aborda o contexto histórico e social no qual se deu a Semana de Arte Moderna. Francisca Júlia, figura então central do parnasianismo e simbolismo brasileiro, foi submetida à sua segunda morte, após ter acabado com sua própria vida meses antes daquele paroxismo modernista, aos 49 anos. A biografia dessa poeta maiúscula é estratégica para a exposição do meio social, cultural e artístico que prenunciava a Semana e definiria o panorama nacional subsequente. Mais do que compor um retrato de uma vida trágica, eivada de adversidades pessoais e sociais, procura-se aqui fazer justiça à trajetória que expõe a condição limitante da mulher literata de então, em paralelo com a sofisticação gradualmente conquistada pela cidade que a abrigava.

Editora UNESP: www.editora.unesp.br



Esse corpo tanto, poemas de Evaldo Balbino, Editora Pedregulho, 100 páginas, R\$ 47,00, Vitória (ES).

O autor é escritor, professor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Literatura Comparada por essa universidade, com pós-doutoramento pela Universidade de São Paulo. Exerce o cargo de presidente Academia de Letras de São João del-Rei - MG.

A obra é uma cartografia poética dos corpos em suas diversas sexualidades e performances de gênero, dos seus desejos fazendo-se poesia e ganhando voz. Quase todos os poemas do livro constroem-se em diálogo com outros poetas, e cada qual é pulsação dos corpos e das suas diversidades de existência. O livro todo é poesia-resistência, pois toda performance do corpo é um ato político. O erotismo é desconstrutor de preconceitos e de moralismos castradores.

Editora Pedregulho:

<https://www.lojapedregulho.com.br/esse-corpo-tanto>

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



Nos campos minados alguma canção, Zuleika dos Reis, Scortecci Editora, São Paulo, 96 páginas. ISBN: 978-65-5529-925-0.

A autora é escritora, poeta, haicaísta, contista, cronista e graduada em Letras Vernáculas na USP - Universidade de São Paulo.

Segundo Isabel Campos, "Em *Nos campos minados alguma canção*, Zuleika dos Reis nos deleita e surpreende em cada verso de sua poesia singular - semente preciosa no deserto, na aridez cotidiana; são poemas engendrados com silêncios, ausências, alguma esperança. Sobre tudo engendrados com amor, fundo, lancinante, verdadeiro e perene."

Zuleika dos Reis:

zuleikadosreis@yahoo.com.br

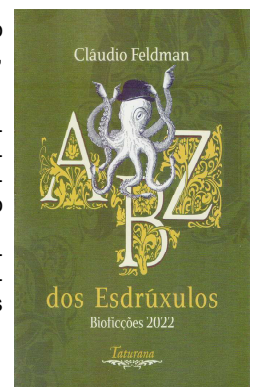
Abz dos Esdrúxulos, contos de Cláudio Feldman, Editora Taturana, Santo André (SP), 64 páginas.

ISBN: 978-65-00-48721-3.

O autor é escritor, poeta, contista, romanista, professor de Língua e Literatura aposentado, membro da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura e da Academia de Letras do Brasil (Brasília).

A obra abriga 25 contos em ordem alfabética de personalidades e pessoas de várias épocas e lugares, entrelaçados de acontecimentos estranhos e lapidados de humor.

Cláudio Feldman: Rua Santo André, 700 - Santo André - SP - 09020-230.



Linguagem Viva - Resistência Cultural

EM DEZEMBRO CIRCULARÁ

A EDIÇÃO Nº 400





Fábio Cordeiro, Marcos Antonio de Araújo (diretor do CRB-8), Vera Stefanov, Adriana Ferrari, Ana Cláudia Martins, Regina Fazioli, Toninho Vespoli e Dina Uliana (diretora do CRB-8).

Os 60 anos da regulamentação da profissão de bibliotecária (o) foram comemorados, no dia 27 de outubro, em sessão solene na Câmara Municipal de São Paulo, com realização do vereador Professor Toninho Vespoli (PSOL). A profissão foi instituída pela Lei federal nº 4.084/1962. Ana Cláudia Martins, presidenta do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo, conduziu a mesa que foi composta pelo vereador Toninho Vespoli, pelo deputado estadual Carlos Giannazi (PSOL), pelo presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia Fábio Cordeiro e pelas laureadas com placa de moção honrosa, a vice-presidenta da FEBAB Adriana Ferrari e a presidenta do SinBiesp Vera Stefanov. Estiveram presentes conselheiros e a vice-presidenta e do CRB-8 Regina Fazioli, a bibliotecária Rubenira Farias de Oliveira Souza que representou a Academia Paulista de Letras e a vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo Rosani Abou Adal. O quarto de cordas da Orquestra Sinfônica Heliópolis, do Instituto Baccarelli, apresentaram um espetáculo musical.

Silviano Santiago, escritor, professor universitário e crítico literário, foi agraciado com o Prêmio Camões de 2022, realizado pela Fundação Biblioteca Nacional e pela Secretaria de Cultura de Portugal. O laureado é contista, romancista, poeta, Doutor em Letras pela Sorbonne e membro da Academia Mineira de Letras.

Raquel Naveira, membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras, com *O mundo Guarani: fragmentos de uma alma da fronteira*, foi agraciada em 1º lugar, na categoria Crônica, Prêmio João do Rio, do Concurso Internacional de Literatura UBE-RJ. A Comissão Julgadora foi composta por Alberto Carraz, Ivan C. Proença e Pedro Moreira.

3º Expo-Colóquio "Pré-textos do Solstício" Argentina 2022, organizado pelo Suri Colectivo, será realizado de 3 a 5 de dezembro, na Casa de Jujuy, Santa Fe 967 Caba, em Buenos Aires, Argentina. A abertura do evento, no dia 3 de dezembro, às 17h30, contará com a palavra dos organizadores. Serão apresentados os poetas e artistas que terão seus trabalhos expostos, de 3 a 11 de novembro, na Casa de Jujuy. Os poetas que foram selecionados para a exposição terão seus poemas exibidos ao lado das bandeiras dos seus países. No dia 5 de dezembro, das 10 horas às 19h30, serão apresentadas rodadas de poesias, intercaladas com lançamentos de livros agendados previamente. Rosani Abou Adal participará da exposição com o poema "Recuerdos" - *Lembranças* -, em espanhol. Também apresentará leitura de seus poemas. No último dia do evento, 5 de dezembro, das 10 horas às 11h15, serão apresentadas as impressões sobre a mostra e haverá entrega de certificados aos participantes.

Autorretrato, poema de Rosani Abou Adal, foi publicado na revista "LiterArte" da Argentina, em 18 de outubro de 2022, editada por Graciela Diana Pucci. <https://revistaliterartedigital.blogspot.com/2022/10/rosani-abou-adal-brasiloctubre-de-2022.html>

Xanana Gusmão, poeta, escritor e ex-presidente de Timor-Leste, foi agraciado com o prêmio literário Guerra Junqueiro que é promovido no âmbito do Freixo Festival Internacional de Literatura. É autor de *Resistir é Vencer*.

Wilson Alves-Bezerra, Diretor da Editora da Universidade Federal de São Carlos, lançou *Nuevos papeles intimos*, pela Quiroga Ediciones. O livro abriga cartas inéditas do escritor uruguaio Horacio Quiroga (1878 - 1937).

Notícias

A Academia Paulista de Letras e a Academia Sul-mato-grossense de Letras realizaram, no dia 27 de outubro, sessão solene pelo centenário de nascimento do escritor Hernâni Donato. O autor do romance *Selva Trágica*, clássico da literatura sul-mato-grossense, foi colaborador do L.V., membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras e da Academia Paulista de Letras e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Piero Sbragia, escritor e jornalista, lançou, pela Editora Parquetadas, *Na Ilha: conversas sobre montagem cinematográfica* que reúne depoimentos de 27 montadores e montadoras do cinema nacional desde antes do Cinema Novo até filmes recentes como *Bacurau*.

Eliane Brum, escritora e jornalista, foi laureada, na categoria Livro-reportagem, pelo 44º Prêmio Jornístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, com a obra *Banzeiro ôkótó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*.

Gabriel Kwak, escritor, jornalista e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão, tomou posse no dia 24 de outubro para ocupar a cadeira número 21 da Academia Cristã de Letras, cujo patrono é Sigmund Freud. Na sessão solene também foi empossado Luis Eugênio Garcez Leme. Foram saudados pela 2ª secretária Marcia Etelli Coelho e a sessão foi presidida pelo presidente Hélio Begliomini.

Ricardo Bezerra, escritor e advogado, lançou *Licitação e Cultura – Contratação de Artistas pela Administração Pública*, pela Editora Ideia. E-book disponível em <http://www.ricardobezerra.com.br/e-books/>

A Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil está com inscrições abertas para o VI Prêmio de Literatura, até o dia 16 de dezembro, para os melhores livros de literatura infantil e juvenil publicados em primeira edição nos anos de 2021 e 2022. <https://premioaeilij.blogspot.com/p/edital.html>.

Celso José da Costa, escritor e matemático, foi agraciado com o Prêmio LeYa 2022 com o romance *A arte de driblar destinos*. O anúncio foi feito na manhã da última quarta-feira (26), na cidade portuguesa Alfragide.



Antonio Costella

Antonio Costella, escritor, editor, jornalista, professor, artista plástico e Diretor Geral da Casa da Xilogravura, foi homenageado pela Câmara Municipal de Campos do Jordão, por indicação do vereador Marcelo Lauria de Oliveira, em sessão solene, realizada na Câmara Municipal de Campos do Jordão, que integrou o calendário de comemorações do aniversário da Cidade. O autor de *Patas na Europa*, entre outras importantes obras, foi agraciado com Diploma de Reconhecimento pelo trabalho realizado em prol da Cultura.

O Museu Casa da Xilogravura foi laureado com o prêmio Traveller's Choice 2022, selo de excelência do TripAdvisor, plataforma de viagens que fornece informações e conteúdo baseados em opiniões de visitantes relacionados ao turismo no mundo. O museu foi fundado por Antonio Fernando Costella que ocupa o cargo de diretor geral. Leda Campestrin Costella é a diretora técnica.

A Revista Literarte - SP, editada por Arlindo Nóbrega, publicou na edição de outubro, nº 451, o poema *Sem Brumas* de Rosani Abou Adal. litterartessp@gmail.com

Maurício de Sousa foi homenageado pela Cátedra UNESCO de Leitura PUC Rio, no dia 21 de outubro, com evento realizado no Theatro São Pedro, em São Paulo, em reconhecimento pelas ações de estímulo à leitura e pela alfabetização de milhões de crianças por meio de suas obras.

Igor Girão, bibliotecário responsável do setor de leitura acessível da Biblioteca Pública Estadual do Ceará, lançou o livro de alta fantasia *Além do Véu* em versão impressa e em audiolivro.